6-D-62

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

Curso ...C-PEM/92.....

Partido .....-.....

Solução do P-III-8.(EN) ENSAIO

Apresentada por

MURILO MARQUES GALVÃO DE QUEIROZ

CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA

NOME E POSTO

RIO DE JANEIRO

19..92....

6-D-62

Queiroz, Murilo Marques Galvão de, 1945-.
Hermann Kahn e a Teoria da Escalada. - Rio de Janeiro: EGN, 1992.
12fl.-
Bibliografia
Ensaio: CPEM, 1992
1. Crise. 2. Manobra de crise. 3. Hermann Kahn. 4. Escalada. I. Brasil. Escola de Guerra Naval. II. Título.

EXTRATO

Avaliação sumária de diferentes aspectos que envolvem, segundo Hermann Kahn, a escalada das crises internacionais.

Busca estabelecer conceitos para crise, escalada e limiar; apresenta as imperfeições do modelo proposto; descreve os degraus da escalada; comenta a importância da desescalada; e, por fim, salienta a relevância do assunto para o planejamento estratégico brasileiro.

Conclui apresentando o modelo de Hermann Kahn como ainda válido em um mundo onde as armas nucleares continuam a existir e a paz internacional não pode ser considerada duradoura.

Biblioteca da Escola de Guerra Naval — EGN

MM-EGN
BIBLIOTECA
18/02/1993
Nº 3.460

GN-00010125-2

Prezado Leitor

Ao retirar o material bibliográfico, você se torna responsável por ele. Esperamos que faça bom uso e que tenha cuidado, pois se houver qualquer dano ou extravio do mesmo, você será o responsável pela reposição.

. Tema : Hermann Kann e a Escalada

. Título : HERMANN KAHN E A ESCALADA

. Tópicos a abordar :

- Os conceitos de crise, escalada e limiar.
- O modelo proposto por Hermann Kahn e suas imperfeições.
- Os limiares e os degraus da escalada.
- A "desescalada".
- A importância do assunto para o planejamento estratégico de um país como o Brasil.

. Proposição:

Avaliar diferentes aspectos que envolvem, segundo Hermann Kahn, a escalada das crises internacionais. Apresentar o modelo de escalada e identificar suas imperfeições. Analisar a importância do assunto para o planejamento estratégico de um país como o Brasil.

HERMANN KAHN E A TEORIA DA ESCALADA

Introdução

A palavra "escalada", no contexto aqui apresentado, é ainda desconhecida pela maioria dos brasileiros. Para muitos, significa levar a guerra a maiores níveis de violência ou de abrangência. Entretanto, somente os estudiosos de Estratégia assumem seu real significado, qual seja, de aceitação de riscos calculados em situações de crises.

Hermann Kahn, matemático, físico e escritor, tornou-se famoso por trabalhos audaciosos e visionários sobre o terror nuclear, a ponto de receber epítetos como "traficante do terror" e "Clausewitz da era nuclear".

O propósito deste trabalho é avaliar, da maneira resumida, alguns aspectos que envolvem o tema de um dos seus mais famosos livros, "A Escalada".

O assunto em si deve despertar grande interesse para os militares brasileiros, visto que a ocorrência de crises nos dias de hoje é uma das grandes preocupações para quem se ocupa do Planejamento Estratégico Nacional e, portanto, Militar. Além disso, pode-se especular que um dia o mundo voltará a conviver com a Guerra Fria e, nessa época, o Brasil já possuirá a sua arma nuclear.

O tema é aqui abordado dando ênfase aos conceitos de crise, escalada e limiar; apresentando as imperfeições do modelo; descrevendo os degraus da escalada; comentando a importância da desescalada; e, por fim, realçando a importância do assunto para o planejamento estratégico brasileiro.

A conceituação do fenômeno crise

O fenômeno crise tem sido definido por uma série de estudiosos do assunto. No nosso entender, "crise é um fenômeno complexo, de diversas origens, caracterizado por um estado de grandes tensões, em que os participantes buscam obter vantagens ou salvaguardar interesses e que, com grande possibilidade de dar origem a um conflito armado, não permite que se anteveja com clareza seu resultado."

Assim definido, podemos caracterizar, com mais detalhes, esse fenômeno:

- os acontecimentos que formam o pano de fundo das crises nem sempre são previsíveis e convergem para a criação de um alto grau de complexidade;

- as pressões aumentam com o tempo; e

- a precisão das informações e o grau de controle dos acontecimentos diminuem, enquanto as incertezas e as tensões pessoais sobre os líderes políticos e militares aumentam;

A História tem mostrado que as tensões e as crises internacionais não são um fenômeno dos tempos modernos. Mas, a maneira como são enfrentadas e podem ser utilizadas em benefício próprio tem sido objeto de recentes estudos que procuram oferecer alternativas outras que não as militares.

O conceito de escalada

O entendimento do fenômeno "crise" faz com que as nações, em busca de seus objetivos ou no processo de mudanças a que se lançam, admitam que um certo grau de riscos seja corrido. Des-

se modo, no complexo processo de administração (ou controle) dessas crises, abre-se espaço para a "escalada", por nós assim entendida: "é um fenômeno relativamente complexo, caracterizado por um aumento (degrau) bem definido, nem sempre casual, no grau de conflito existente nas situações de crises, visando a supressão ou o controle da violência pela contra-violência."

É claro que o entendimento dos fenômenos crise e escalada podem variar segundo o ponto de vista de diferentes países, seus interesses e objetivos nacionais. Assim é que, para os soviéticos, à época da Guerra Fria, a escalada significava: causar danos à estrutura política; separar o governo da população; e desmoralizar, desacreditar ou subverter os governos adversários ou suas alianças internacionais (1:352).

Em suma, a escalada visa facilitar a consecução de resultados desejáveis e evitar os indesejáveis, segundo o entendimento de cada participante do jogo de crises.

Como já visto, as crises podem ser utilizadas nas disputas internacionais e, nesses casos, servem de instrumento de pressão para as soluções pacíficas, já que as partes envolvidas, normalmente, não desejam a guerra. Assim, assumindo certos riscos e esperando que o outro lado recue ou entre em acordo antes que o risco percebido se torne indesejável, parte-se para escalar a crise.

A escalada, em si, não é inevitável no processo de controle de crises. Antes de tudo, é uma "competição de riscos" (1:23), onde se joga com a vida e a morte. De uma maneira geral, admite-se escalar até o limite do provável sucesso, bus-

cando-se, sob o ponto de vista de quem escala, conservar a prudência, sem esquecer, entretanto, que sob muitos aspectos, a escalada é um processo irreversível.

A escalada pode ser realizada pelo aumento da intensidade do conflito existente, pelo aumento de sua área ou por uma combinação desses dois fatores (1:26).

Evidentemente, no desdobramento de uma crise, é bastante provável que ambos os lados venham a escalar. O domínio dessa escalada, entretanto, não estará assegurado somente pela superioridade militar que um dos lados venha a apresentar. Mais que isso, depende de diversos elementos, como: moral elevada, decisões firmes e claras e alto grau de disciplina interna.

O jogo das crises e das escaladas implica em que os participantes tenham táticas e estratégias próprias às circunstâncias. De um modo geral, as nações não têm dedicado importância a esses assuntos, fazendo com que, muitas vezes, se vejam despreparadas nessas situações. Na realidade, essas táticas e estratégias são aquelas que devem ser usadas nas negociações e nos casos de persuasão, em um contexto de coerção. Os vários degraus da escalada são opções táticas a serem utilizadas quando se procurar persuadir o adversário a negociar, não devendo ser esquecido que táticas e estratégias ideais devem permitir que o outro lado possa encontrar saídas diplomáticas para as situações enfrentadas.

Imperfeições do modelo

O modelo ou a metáfora criada por Hermann Kahn para o entendimento, estudo e manipulação dos fenômenos de crise e sua

escalada não consegue representar, com a exatidão desejável, a realidade vivida pelas nações. Assim, apresenta algumas imperfeições que precisam ser consideradas:

a) tendo sido criado no ambiente da Guerra Fria, define degraus que são adequados à política e à estratégia norte-americanas vigentes na ocasião, dando menor ênfase ao que seria o modelo soviético de escalada; além disso, atribuía aos comunistas um comportamento militar que, na realidade, era aquele esperado pelos analistas norte-americanos.

De uma maneira geral, não se preocupa devidamente com o fato de que, havendo dois lados envolvidos em uma crise, pode haver duas avaliações e duas escaladas em andamento. É normal se supor que, na realidade, haja confusão e ambigüidade quanto à posição em que cada um dos lados imagina estar (e seu adversário), bem como quanto às estimativas que cada um faz das estimativas do outro (1:336).

Dentro dessa mesma idéia, o modelo é estabelecido a partir da estratégia de "abstenção de cidades, a não ser em represália" (1:266), apesar de reconhecer que os soviéticos pareciam achar que um dos melhores meios de derrotar um inimigo seria atacando sua sociedade;

b) muitos conceitos são tomados de forma absoluta, não observando que o que é valido para um dos lados nem sempre o é para o outro. Por exemplo, não considera o fato de que uma "guerra limitada" para uma nação pode ser considerada como "guerra total" para outra;

c) exagera (pelo menos para os que não possuem a cultura norte-americana) ao considerar que uma guerra nuclear pode

ser conduzida sob estrito controle e de forma racional. Admite que os líderes dos países envolvidos se comportarão de maneira racional e equilibrada na condução das hostilidades;

d) prevalecendo um "equilíbrio do terror" entre as partes envolvidas, admite que choques de interesses, se levados até à violência, podem ser contidos em nível ainda baixo dessa violência, à sombra de uma igualdade estratégica ou, pelo menos, do equilíbrio existente (1:196);

e) não tendo o mundo sofrido crises que escalassem a níveis muito elevados, dentro do contexto estabelecido pelas armas atômicas, é deficiente no trato das incertezas e das ambigüidades nos degraus superiores da escalada; e

f) é inadequado para o trato dos problemas existentes no processo inverso da escalada, ou seja, da "desescalada", quando se desejar reverter uma situação de tensão.

Limiares da escalada

Os novos conceitos de crise e escalada só vieram modificar ligeiramente a idéia tradicional de limiar entre guerra e paz. Na realidade, os pontos estabelecidos, onde se altera a forma com que a violência é aplicada (ou contida), já existiam com outra roupagem no passado. Assim, os novos limiares foram criados mais para atender às novas condições criadas a partir do estabelecimento do "equilibrio do terror". Dentro do modelo estabelecido por Hermann Kahn, vamos encontrar seis limiares onde podem ser percebidas mudanças muito acentuadas no caráter da escalada (1:78). São eles:

a) "não balance o barco" - vivendo sob o "equilíbrio do

terror", os adversários relutam em iniciar uma crise que poderá escapar ao controle e evoluir para uma guerra total. Os riscos podem ser grandes demais em relação aos possíveis ganhos e ninguém sabe qual a probabilidade da guerra ocorrer em diferentes circunstâncias;

b) a guerra nuclear é inconcebível - nesse ponto, a incredulidade nuclear é diminuida, o povo já não mais se sente seguro e as reservas nucleares que eram "irreais" se tornam ameaças reais, apesar de não terem sido empregadas ainda;

c) abstenção nuclear - já se admite o uso limitado e restrito de armas nucleares. É o mais discutido e importante dos limiares estabelecidos pelo modelo, bem como o mais provável de ser respeitado, uma vez que, iniciado um conflito, nenhuma linha é tão facilmente definida e entendida como essa (1:157). Vencido esse ponto, dá-se o paradoxo entre continuar a escalada e o medo que isso acarreta. O fantasma da erupção (guerra sem limites) torna provável o fim da escalada, após o primeiro emprego das armas nucleares;

d) zona central isenta - o caminho para a violência em larga escala encontra-se aberto, não se respeitando mais a zona interior do inimigo. A guerra ainda pode ser feita em "câmera lenta", sob controle, racionalmente e na base de represálias;

e) guerra central - a guerra central é levada a objetivos militares, evitando-se ainda danos à população civil;

f) ataque a cidades - a última das restrições é rompida e as cidades são atacadas. O modelo admite que elas sejam preservadas até o final, pois, sendo as guerras termonucleares de

curta duração, é improvável que possam se constituir em objetivos militares de importância.

Os degraus da escalada

Entre o surgimento de uma crise e o desencadeamento de uma guerra total, existem muitos caminhos que podem ser seguidos pelos participantes do jogo. Esses caminhos apresentam-se como alternativas a seguir e, no modelo proposto por Hermann Kahn, como degraus da escalada. Formam uma disposição linear (a ordem não é rigorosamente fixa) de níveis mais ou menos crescentes de intensidade da crise (1:74), mas que não precisam ser, necessária e inexoravelmente, todos seguidos.

No total, são quarenta e quatro degraus possíveis de serem escalados. O conjunto de degraus estabelecidos entre dois limiares pode ser visto como o conjunto das alternativas citadas acima e oferecidas, no momento oportuno, aos estrategistas envolvidos na condução da crise.

Os degraus da escalada foram agrupados em sete unidades:

- manipulação de subcrises;
- crises tradicionais;
- crises intensas;
- crises extravagantes;
- ataques centrais exemplares;
- guerras centrais militares; e
- guerras centrais civis.

Essas unidades, uma breve descrição de cada degrau e a citação de alguns exemplos históricos que os identifiquem são encontrados no Anexo A.

A desescalada

Se o estudo da escalada não tem recebido a devida relevância por parte dos estudiosos de crises, muito menos tem sido atribuído à desescalada e ao processo de condução do fim das crises. Estes são considerados vitais para o processo de controle das crises e das próprias escaladas (1:353).

Uma ação (pressão), tomada por um dos participantes que escala, é logo sentida e compreendida pelo adversário. Mesmo assim, é preciso existir um canal de comunicações entre as partes, para que a crise possa ser mantida sob controle.

Na desescalada, a existência desse canal é ainda muito mais crítica. Atitudes que busquem aliviar pressões existentes precisam ser compreendidas por ambos os lados para que alcancem seus propósitos. Assim, a desescalada exige a aquiescência de ambos os lados e, nesse aspecto, é muito mais difícil de ser conduzida, principalmente porque pode dar margem a que se estabeleça um precedente (idéia de recuo) indesejável para uma das partes e que possa ser utilizado pelo adversário em uma crise futura.

Na desescalada, as concessões e a conciliação desempenham quase o mesmo papel que as exigências e a coerção na escalada. Entretanto, é necessário frisar que há muitos aspectos que não correspondem à "escalada ao contrário", visto que a escalada pode ser um processo irreversível. Ainda assim, a desescalada é tratada como um processo inverso ao da escalada.

A importância dos conceitos de crise para o planejamento estratégico do Brasil

Os países mais desenvolvidos têm procurado atribuir a importância que lhe é devida ao fenômeno das crises e seu controle. Assim é que têm estabelecido Conselhos de Crises, organismos políticos responsáveis, perante o Chefe de Estado, pelo controle e manobra de crises. Mesmo assim, muitas críticas existem quanto ao preparo dos governos desses países para fazer frente a tais situações. No caso do Brasil, observa-se que uma estrutura formal jé existe para enfrentar situações desse tipo, mas que não foi adequadamente testada ainda.

Mais do que isso, percebe-se que os conceitos de manobra de crise não são uniformemente conhecidos pelos órgãos e pessoas envolvidos. A Escola de Guerra Naval, ambiente natural para a discussão e disseminação de tal assunto no âmbito da Marinha, por exemplo, trata o problema de maneira ainda muito tímida.

Numa época em que não se prevêem guerras, essa deficiência se torna ainda mais crítica. Visto que o futuro é incerto, um país que não se aprofunde no estudo do espectro de possibilidades do uso de pressão, até mesmo de violência, acreditando poder manter-se preso a convenções, que a qualquer momento podem ser violadas por outros menos escrupulosos, corre, na realidade, um grande risco de ser derrotado em situação para a qual não se preparou devidamente.

Além disso, é o preparo que permite que as precauções preliminares de segurança para o país sejam adotadas e que medidas precipitadas, em situações reais de crise, sejam evita-

das de modo a não causarem passos irreversíveis que levem a uma guerra certamente indesejável.

Sabendo-se, portanto, que as guerras nascem das crises, há que se considerar com bastante seriedade os requisitos, vantagens e deficiências de estratégias e táticas adequadas ao controle dessas possíveis situações.

Não se pode, ainda, esquecer que a condução de qualquer crise depende de como se estrutura o sistema de Comando, Controle e Comunicações do país, área onde a preparação e as habilidades específicas se fazem necessárias. O grande segredo desses sistemas, na realidade, está na adequada preparação dos dirigentes dos altos escalões nacionais, dos planejadores militares, líderes políticos e analistas, que devem estar capacitados a manobrar as crises segundo os interesses nacionais.

Por fim, devem as Forças Armadas estar preparadas para serem usadas de maneira calculada, controlada e deliberada, como mais um instrumento de apoio a esses interesses.

Assim sendo, os conceitos de crise assumem capital importância para o País, na medida em que direta ou indiretamente devem condicionar o seu planejamento estratégico.

Conclusão

A metáfora ou o modelo apresentado por Hermann Kahn, em plena Guerra Fria, orientou sobremaneira a estratégia adotada pelos Estados Unidos da América frente a seus adversários soviéticos. Após o desmembramento do bloco comunista, ficou o mundo aparentemente livre do terror nuclear vigente até então. Apesar das armas nucleares continuarem a existir, estima-se

que as possibilidades de ocorrência de uma guerra em que sejam empregadas diminuiram muito.

Entretanto, é preciso estar consciente de que a proliferação nuclear, embora reprimida, ainda existe. Muitas nações continuam a busca pelo armamento nuclear, como forma de proteção futura ou mesmo como instrumento de pressão para a consecução de objetivos nacionais ainda não alcançados.

Além disso, nada indica que a paz mundial seja mantida. Os antagonismos continuarão a existir entre as nações e as disputas se resolverão como o foram até os dias de hoje.

é assim, dentro de todo esse contexto internacional, incerto e perigoso, que consideramos as lições do modelo de Hermann Kahn como ainda válidas. Evidentemente que certas correções precisam ser estudadas e introduzidas em sua metáfora; como exemplos, uma redução no número de degraus existentes e algumas correções nas imperfeições do modelo, conforme citadas anteriormente neste trabalho.

Para o caso brasileiro, é especialmente útil, na medida em que permite que o fenômeno crise seja melhor estudado e habilite o País a se preparar para situações de disputas que necessitem do emprego da escalada em seus degraus iniciais. Além disso, o modelo poderá ser utilizado no futuro, por remoto que seja, quando a Nação, detentora de armamento nuclear, fizer disso um instrumento de deterrência e uma forma de evitar a guerra.

ANEXO A

OS DEGRAUS DA ESCALADA

Conforme citado no texto, Hermann Kahn, ao desenvolver seu modelo de "escalada", estabeleceu quarenta e quatro diferentes degraus; estes foram divididos em sete unidades distintas, separadas entre si pelo que convencionou chamar de "limiares". Uma breve descrição desses degraus, com a apresentação de alguns exemplos colhidos da História recente, é feita a seguir.

I - Condução de Subcrises

Degrau 1 - Crise ostensiva - nesse estágio inicial, um dos lados declara, por meio de ameaças vagas ou explícitas, que se a disputa não for resolvida logo, começará a subir os degraus da escalada.

Como exemplo, a Argentina e o Chile, por diversas vezes ao longo do que ficou conhecido como a "Questão de Beagle", tornaram explícitas suas ameaças que foram, adiante, concretizadas pela escalada da disputa.

Degrau 2 - Medidas políticas, econômicas e diplomáticas - atos legais, porém incômodos, inamistosos ou ameaçadores começam a ser executados contra o adversário, para punir, pressionar ou transmitir mensagens.

Como exemplo, pode-se citar a intensa troca de informações semi-oficiais, realizadas entre chineses e norte-ameri-

canos, ao inicio de 1964, a respeito da guerra no Vietname.

Degrau 3 - Declarações solenes e formais - um dos lados emite declarações de advertências, formais, solenes e puramente verbais, que procuram demonstrar decisão e compromisso.

No início da recente "Crise do Golfo", em 1990, os Estados Unidos da América (EUA) adotaram medidas que se enquadram perfeitamente nesses três primeiros degraus escalatórios. Outro caso típico foi a garantia dada à Polônia, pela Inglaterra, em 1939, de que iria à guerra com a Alemanha se esta a invadisse.

(Limiar de "Não Balance o Barco"")

II - <u>Crises Tradicionais</u>

Degrau 4 - Enrijecimento de posições (confronto de vontades) - quando a situação se torna coercitiva, ambos os lados buscam aumentar a credibilidade de seus compromissos e empenho por meio de atos irrevogáveis.

Degrau 5 - Exibição de forças - um dos adversários pode desejar chamar a atenção para o fato de que tem condições de empregar a violência, se necessário. Isso pode ser feito de maneira silenciosa ou ruidosa, direta ou indireta. Deslocamentos de unidades militares, realização de manobras militares em áreas sensíveis e testes com novas armas são exem-

plos de como podem ser exibidas suas próprias forças.

Na crise com a Líbia, em 1986, os EUA realizaram diversas manobras navais no Mediterrâneo, em frente ao litoral daquele país africano.

Degrau 6 - Mobilização significativa - o início de uma mobilização que acompanhe demonstrações de forças, como visto acima, indica que o lado que a realiza está disposto a ampliar a escalada.

Como exemplo dessa atitude, em 1962, durante o que ficou conhecido como a "crise de Berlim", o então Presidente dos EUA, J.F.Kennedy, convocou o pessoal da reserva, como meio de pressionar os soviéticos.

Degrau 7 - Hostilidades "legais" (represálias) - dentro dos limites do Direito Internacional, um dos lados pode hostilizar o prestígio da nação adversária, seu povo ou sua propriedade.

Degrau 8 - Atos violentos de hostilidade - um lado ou outro pode partir para a realização de atos ilegais de violência ou para a provocação de incidentes destinados a hostilizar, enfraquecer ou desmoralizar o adversário ou seus aliados. A escalada será menor ou maior se esses atos forem realizados sob a aparência de terem sido conduzidos por motivações individuais ou sob orientação oficial do governo adversário, respectivamente.

Degrau 9 - Dramáticos confrontos militares - de alguma maneira pode ocorrer um confronto militar, mesmo que de pequena intensidade, entre as tropas das nações em litígio.

Por exemplo, no início das hostilidades ocorridas entre o Irã e o Iraque, em 1979, uma série de incidentes se desenvolveram na fronteira, num processo de escalada que culminou com a guerra entre aqueles dois países.

(Limiar da Guerra Nuclear é Inconcebível)

III - Crises Intensas

Degrau 10 - Rompimento ostensivo de relações diplomáticas - com esse tipo de ato, uma nação comunica ao seu oponente que as medidas pacíficas de persuasão ou de coerção estão chegando ao fim e que medidas de força podem substituí-las a partir de então.

Degrau 11 - Estado de superprontidão - um dos lados coloca todas as suas peças da estrutura militar em estado de prontidão.

Como exemplo, os EUA assumiram esse estado de prontidão quando do desenrolar da crise dos mísseis cubanos, em 1962.

Degrau 12 - Grande guerra convencional (ações) - a disputa pode atingir o grau de violência militar organizada, ou uma luta aberta e continuada, sem que as armas nucleares, bacteriológicas ou químicas sejam utilizadas.

Um exemplo típico foi o envolvimento dos EUA na guerra da Coréia.

Degrau 13 - Grande escalada mista - um dos lados pode retaliar ou escalar em uma região bastante diferente daquela onde o conflito está se realizando.

Tal seria o caso da União Soviética resolvesse escalar a crise cubana, em 1962, avançando sobre Berlim Ocidental.

Degrau 14 - Declaração de guerra convencional limitada - um dos contendores pode usar esse tipo de declaração para comunicar ao adversário que não pretende fazer uso de forças nucleares e estabelecer "limites" (geográficos, por exemplo) para o conflito.

Degrau 15 - Guerra quase nuclear - durante o desenvolvimento do conflito, um dos participantes pode fazer uso involuntário (ou assim dar a entender) de uma ou mais armas nucleares.

Degrau 16 - "Ultimatos" nucleares - desaparece em um dos lados a até então "incredulidade nuclear", quando seu adversário admite e lhe comunica, de modo convincente, acreditar na possibilidade de uma guerra central.

Degrau 17 - Evacuação limitada (cerca de vinte por cento) - um dos governos envolvidos, por medida de prudência ou como elemento de negociação, decide iniciar a evacuação de

grandes cidades, preparar a evacuação em grande escala e estabelecer a defesa desses centros.

Degrau 18 - Exibição ou demonstração de força - um dos lados pode decidir por uma demonstração de forças que envolva armas de grande significado para o adversário, sem causar-lhe danos, mas que possa assustá-lo, na esperança de obrigá-lo a recuar.

Degrau 19 - Ataque de contraforça "justificável" - um dos contendores pode efetuar um ataque limitado e "justificável", como resposta razoável a uma provocação, procurando degradar a força militar, o prestígio e o moral do adversário.

Degrau 20 - Bloqueio ou embargo "pacífico" de âmbito mundial - um dos participantes pode, como medida extrema de coerção não violenta, estabelecer o embargo mundial contra seu adversário.

Como exemplo, vale citar o recente embargo estabelecido pela Organização das Nações Unidas contra o Iraque, nos primórdios da crise que culminou com a invasão daquele país pelas tropas da coalizão internacional lideradas pelos EUA.

(Limiar da Abstenção Nuclear)

IV - Crises Extravagantes

Degrau 21 - Guerra nuclear local (exemplar) - vencido o limiar da Abstenção Nuclear, um país pode resolver, agora de maneira bem deliberada, fazer uso de suas armas nucleares. Nesse estágio, mais importante que causar danos ao inimigo, pretende advertir, negociar, punir ou intimidar o adversário.

Seria o primeiro ato de uso deliberado dessas armas, desde a Segunda Guerra Mundial, com profundas conseqüências.

Degrau 22 - Declaração de guerra nuclear limitada - mais uma vez, um dos lados pode pretender estabelecer "limites" e perspectivas dos tipos de ação admitidos, sem necessidade de ir adiante na escalada.

Degrau 23 - Guerra nuclear local (militar) - dentro dos limites estabelecidos, um dos lados pode resolver empregar suas armas nucleares segundo considerações militares e táticas.

Degrau 24 - Contramedidas insólitas, provocadoras e significativas - um dos participantes pode realizar ações ou manobras militares que alterem o equilíbrio de forças, aumentando a vulnerabilidade do inimigo e diminuindo sua capacidade ou vontade de lutar.

Degrau 25 - Evacuação (cerca de setenta por cento) - um governo, considerando muito próximo o estado de uma guerra em larga escala, pode determinar a evacuação de suas principais cidades.

(Limiar da Zona Central Isenta)

V - Ataques Centrais Exemplares

Degrau 26 - Ataque de demonstração a uma zona do interior - um dos lados, decidido a levar a guerra à "pátria" inimiga, pode resolver realizar um ataque "inofensivo" que só venha a causar danos à topografia da região-alvo.

Degrau 27 - Ataque exemplar a objetivos militares - os ataques podem agora visar alvos militares muito específicos do adversário, havendo o necessário cuidado para que não causem danos colaterais elevados.

Degrau 28 - Ataques exemplares contra a propriedade - o lado que assim decidiu escalar pode orientar agora seus ataques contra alvos não militares, com a finalidade de destruir propriedades (pontes, barragens etc) e não pessoas.

Degrau 29 - Ataques exemplares contra a população - se a "balança do terror" for estável e o nível de intimidação existente entre as partes for intenso, esse tipo de ação pode ocorrer, sem evoluir para a guerra de espasmo (total).

Degrau 30 - Evacuação completa (cerca de noventa e cinco por cento) - dado que a guerra em larga escala é iminente, ambos os lados providenciam a evacuação quase completa de suas cidades, deixando para trás apenas cinco a dez por cento da população, para atividades essenciais.

Degrau 31 - Represálias recíprocas - nesse estágio da guerra, ambos os lados dedicam-se a uma "guerra de capricho" ou de represálias contínuas.

(Limiar da Guerra Central)

VI - <u>Ataques Centrais Militares</u>

Degrau 32 - Declaração formal de guerra "geral" - um dos lados pode reagir às provocações com uma declaração formal de guerra, mas sem atos imediatos de violência em grande escala, querendo dar a idéia de que deseja ganhar tempo e buscar uma saída para a crise.

Degrau 33 - Guerra contra a "propriedade" em câmara lenta - como no Degrau 31 - Represálias Recíprocas, ambos os lados travam uma guerra de capricho, aqui buscando destruir propriedades, em maior número e com propósitos mais amplos.

Degrau 34 - Guerra de contraforça em câmara lenta - cada lado busca desgastar ao máximo, porém em câmara lenta, os

sistemas de defesa do adversário.

Degrau 35 - Ataque limitado de redução de força - o atacante busca destruir, em um único golpe, uma pequena, mas significativa, parte da força do inimigo.

Degrau 36 - Ataque limitado de desarmamento - nesse ataque, um dos lados busca destruir uma parte importante das primeiras (e até das segundas) forças atacantes do adversário, poupando a população e, assim, aumentando a possibilidade de êxito de uma chantagem (ataques de contravalor) depois do ataque.

Degrau 37 - Ataque de contraforça com poupança - esse ataque difere do anterior por ser menos escrupuloso na poupança de danos pretendida.

Degrau 38 - Ataque imoderado de contraforça - nesse caso, não são feitas grandes considerações quanto às populações civis.

(Limiar do Ataque a Cidades)

VII - <u>Guerras Centrais Civis</u>

Degrau 39 - Guerra contra cidades em câmara lenta - ambos os lados travam uma "guerra de capricho", levada até às cidades.

Degrau 40 - Ataque contravalor - um dos lados pode disparar um grande número de mísseis contra civis, numa erupção inadvertida ou deliberada.

Degrau 41 - Ataque de desarmamento intensificado - um dos lados pode realizar um ataque de contraforça, propositalmente moderado, de modo a obter danos colaterais de contravalor, sem desviar demasiados recursos dos alvos militares.

Degrau 42 - Ataque de devastação civil - um atacante pode, calculadamente e ainda sob controle, realizar um ataque em que pretenda destruir ou danificar seriamente a sociedade do inimigo.

Degrau 43 - Algumas outras espécies de guerra geral controlada - os participantes podem realizar outras espécies de guerra "geral" (no sentido do esforço realizado, e não pelo fato de que os alvos são indiscriminados) e controlada. As ações militares são acompanhadas de todos os ingredientes de uma guerra qualquer.

Degrau 44 - Guerra de espasmo ou insensata - nesse caso extremo, só há uma única ordem de prosseguir; os alvos são escolhidos indiscriminadamente; e, todos os botões são apertados.

BIBLIOGRAFIA

1. AQUINO, Afranio Perez. Hermann Kahn e a teoria da escalada. Rio de Janeiro, EGN, 1990. Ensaio apresentado no Curso de Política e Estratégia Marítimas.

2. BRASIL. Escola de Guerra Naval. FI. Manual básico de redação. Guia para elaboração de ensaios. Rio de Janeiro, 1991.

3. ____. FI-322. A política, a estratégia e a manobra de crises. Rio de Janeiro, 1981.

4. KAHN, Hermann. A escalada; metáforas e cenários /On escalation; metaphours and scenarios/. Trad. Edilson Alkmin Cunha. Rio de Janeiro, Bloch, 1969. 459p.

ESTE LIVRO DEVE SER DEVOLVIDO
NA ÚLTIMA DATA CARIMBADA

26 MAI 1994

23 MAI 1995

07 ABR 1996

23 MAI 1996

1 JUN 1996

7 ABR 1997

07 OUT 1999

Queiroz, Murilo Marques Galvão de

Hermann Kahn e a teoria da esc alada

6-D-62
DEVOLVER NOME LEIT. (3460/93)

26 MAI 1994	CINE. VILARINHO
23 MAI 1995	CC GUARDIAS
02 ABR 1996	Roberto P/CF. MUNIZ
23 MAI 1996	CF SENÕRINI

Queiroz, Murilo Marques Galvão de

Hermann Kahn e a teoria da esc alada

6-D-62

(3460/93)

00100270003460
Hermann Kahn e a teoria da escalada
6-D-62

Queiroz, Murilo Marques Galvão de

Hermann Kahn e a teoria da escalada

6-D-62

DEVOLVER NOME LEIT. (3460/93)

26 MAI 1994	CMG VILARINHO
23 MAI 1995	CC GUARINO
02 ABR 1996	Roberto P/ CF MUNIZ
23 MAI 1996	CF SENTORANI
11 JUN 1996	CC-IM LUIZ BARBOSA
	CC NAIANETTI
17 ABR 1997	CC LEMOS
09 NOV 1997	CMG
07 OUT 1999	CC ALESSANDRO